

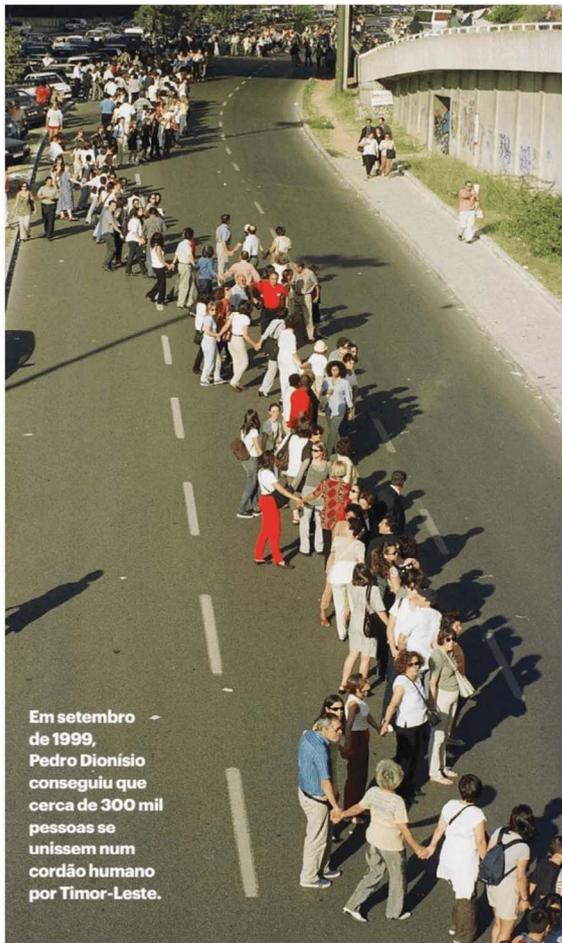
ID: 117780180

20-06-2025

"Faço coisas para me divertir. Costumo dizer: 'Se não nos divertimos, quem se diverte por nós?'"

PERFIL Pedro Dionísio deu a última aula num auditório do ISCTE cheio. Insatisfeito por deixar de ensinar aos 70 anos, o professor catedrático fala ao DN de uma vida cheia e das causas pelas quais lutou – o cordão humano por Timor-Leste terá sido o mais mediático.

TEXTO CARLOS FERRO



Em setembro de 1999, Pedro Dionísio conseguiu que cerca de 300 mil pessoas se unissem num cordão humano por Timor-Leste.

Em todos os testes e em todos os exames peço aos alunos para se colocarem de pé e fazerem um pequeno exercício para descontrair. Portanto, peço-vos para se levantarem e relaxarem, pois já estão aqui há algum tempo. Já está tudo aquecido? Tudo com energia? Obrigado." E foi assim que o professor Pedro Dionísio colocou as pessoas que encheram o Grande Auditório do ISCTE, no dia 6 de maio, de pé a mexer os braços durante alguns momentos ao mesmo tempo que se ouvíam aplausos.

Ao iniciar, desta forma, a sua última aula, este professor catedrático com 50 anos de ligação ao ensino resumiu em poucos minutos uma carreira onde, como o confessa, desafiou e desafiou-se.

Para muitos, o nome "Pedro Dionísio" pouco poderá dizer, mas a pessoa que encheu o auditório ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (originalmente, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, daí a sua sigla) tem uma história de vida preenchida e liderou, por exemplo, a organização do cordão humano que a 8 de setembro de 1999 levou cerca de 300 mil pessoas a ligar a sede da ONU, em Lisboa, e as embaixadas da China, França, Rússia, Reino Unido e Estados Unidos da América (membros permanentes do Conselho de Segurança), para exigir a liberdade e a autodeterminação de Timor-Leste.

Um episódio da vida do professor a que voltaremos mais à frente, pois, para já, devemos conhecer a pessoa que os alunos definiram, numa das páginas do livro que lhe foi oferecido no dia da última aula, como "um exemplo", "disponível", "dedicado", "mentor", "inspirador", "paixão" e "frontal".

Palavras que podem ser a definição do docente que fala com entusiasmo sobre a sua vida desde a recordação de, aos 3 anos, vender rifas até às causas que defendeu – Timor não foi a única.

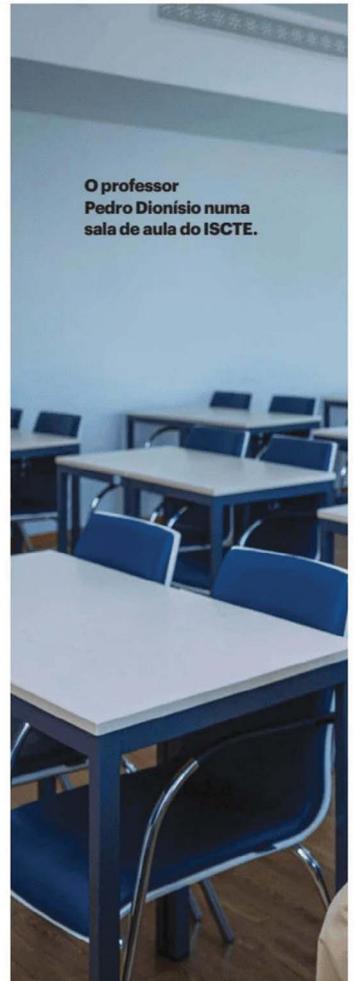
Um "produto" do ISCTE e uma limitação sem razão

A sua vida universitária, da qual não esconde o *desalento* por ter de deixar de dar aulas aos 70 anos, está praticamente toda ligada ao ISCTE.

"Sou um produto daqui [entrou em 1973]. Estive um ano na Católica, mas não era propriamente o meu estilo. Inscrevi-me em Economia e acabei por fazer Sociologia", explica o professor catedrático que completou licenciaturas em Sociologia e Gestão.

"A partir do 2.º ano comecei a trabalhar, fiz oito anos a trabalhar e a estudar. Depois fiz um doutoramento na L'École des Hautes Études Commerciales e quando acabei o doutoramento voltei para cá. Ainda estive uns anos como convidado, porque tinha uma atividade empresarial até que, a determinada altura, decidi apostar na carreira universitária", acrescenta.

O professor Pedro Dionísio numa sala de aula do ISCTE.



Portanto, uma vida académica *cheia* que terminou a 6 de maio. Ou talvez não... graças à ligação ao ISCTE Executive Education. "No ISCTE não posso dar aulas por ter 70 anos, mas aqui posso, pois este é um projeto de ligação com empresas, tem um estatuto diferente. Isto não faz sentido. Antigamente as pessoas com 70 anos já andavam 'com os pés para a cova', mas agora não. Continuo ainda ligado a várias coisas no ISCTE", onde foi diretor e coordenador de departamento em várias ocasiões, sendo presidente da associação de antigos alunos – Alumni Clube Iscte.

O segredo da vitalidade e o "fazer coisas para se divertir"

Pelo que já se leu, a vida de Pedro Dionísio tem sido intensa. E para a manter – como quer continuar a fazer, ao ponto de já ter partici-

ID: 117780180

20-06-2025



FERNANDO ROBEIROS

pado em duas provas de natação em águas abertas – tem um segredo: os alunos são a sua “droga”.

“No final das aulas muitas vezes dizem-me: ‘Epá você tem muita energia.’ E eu respondo: ‘É que eu tomo uma droga.’ Fica tudo em silêncio e depois explico: ‘A droga são os alunos, eles têm 20 anos e isso obriga a revitalizar-nos. Rejuvenesce-nos, eles puxam por nós’, explica.

No intervalo das aulas e das causas que abraça, Pedro Dionísio foi coautor de diversos livros. Tem editados 17, sendo o *Mercador da Língua Portuguesa – Teoria e prática do marketing* que já teve 18 edições ou, como prefere, versões. “Gosto mais de falar em versões, pois só alterámos uma coisa ou outra. Vendemos 140 mil exemplares, o que é um sucesso para o nosso mercado.”

O leque de temas sobre os

Pensei: “Tenho de fazer alguma coisa, sou da área de Marketing e estou habituado a apoiar empresas. Tenho capacidade para organizar algumas coisas. Tenho de fazer alguma coisa” [sobre Timor].

quais Pedro Dionísio trabalha incluem o desporto. Tendo feito, por exemplo, um estudo que apoiou a candidatura de Lisboa a Capital Europeia do Desporto em 2021 e escrito o livro *Casos de Sucesso em Marketing Desportivo*.

“Faço coisas para me divertir. Costumo dizer: ‘Se não nos divertimos, quem se diverte por nós?’ Temos de viver a vida com um aspeto positivo e olhar sempre para o copo meio cheio. Sou tipicamente uma pessoa insatisfeita consigo própria”, frisa. “Não tenho problema nenhum que me confrontem, não é insultar-me, mas sim debater.”

E assim voltamos aos projetos que liderou, como a criação, em 2008, do *Management & Marketing FutureCast Lab*, que se tornou o primeiro laboratório europeu a estudar tendências de *Marketing*, ao qual, sublinha, es-

tiveram associadas 20 grandes organizações.

Causas sociais, Timor e Ucrânia

Fora das salas de aula, Pedro Dionísio esteve envolvido em diversas iniciativas, sendo as mais mediáticas as relacionadas com Timor-Leste e a Ucrânia.

Começemos pela iniciativa mais antiga: a que esteve ligada à antiga colónia portuguesa.

“Durante muitos anos ouvimos falar de Timor. Acompanhei a situação e houve a história do cemitério [a 12 de novembro de 1991, um tiroteio no Cemitério de Santa Cruz, em Díli, terminou com a morte de 271 pessoas e 278 feridos após disparos das forças de segurança da Indonésia] e depois o referendo [30 de agosto de 1999], com a independência a ganhar, com mais de 70% dos votos. Para mim, foi um ponto fechado. Pensei: ‘Tenho de fazer alguma coisa, sou da área de *Marketing* e estou habituado a apoiar empresas. Tenho capacidade para organizar algumas coisas. Tenho de fazer alguma coisa.’”

“Fui ao Espaço Timor, falei com a Associação dos Direitos do Povo Maubere, falei com o antigo presidente dos Escuteiros, liguei para a CNN, em Atlanta, onde me disseram que era com a RTP”, recorda, explicando que, no caso da televisão pública, até pediu a uma amiga que vivia no mesmo prédio do então presidente da empresa para esta lhe ir bater à porta e pedir ajuda e um helicóptero para se filmar o cordão humano. “Falei com uma série de pessoas, apanhei o Marcelo [atual Presidente da República] na rua, não o conhecia só de o ver na televisão, nunca tinha falado com ele, mas pedi-lhe para falar com a Embaixada dos EUA. Cheguei a falar para quatro rádios ao mesmo tempo. O segredo foi as pessoas quererem colaborar e o país estar mobilizado. Era a favor da paz. Os jornais diziam que estiveram 300 mil pessoas na rua e isso foi conseguido em 48 horas”, salienta, contando mais um episódio relacionado com a iniciativa. “A determinada altura dizem-me que não podia contar com o helicóptero pois não podia levantar por causa dos aviões. Fui a uma lista telefónica expliquei à pessoa que atendeu, não sei quem foi, o que se passava e pedi para desviar os aviões e isso aconteceu.”

Já a tentativa para criar um momento como este a favor da

“Temos de viver a vida com um aspeto positivo e olhar sempre para o copo meio cheio. Sou tipicamente uma pessoa insatisfeita consigo própria.”

Ucrânia não correu tão bem, reconhece. “A envolvimento das pessoas foi diferente”, reconheceu.

Voltemos atrás, a 2020 e ao período da pandemia devido à covid-19. Aí ficou ligado a dois projetos: *Sinais Vitais*, em que foram efetuados, com a colaboração da Confederação Empresarial de Portugal (CIP), estudos sobre o estado das empresas; e o programa *3 Minutos a Inspirar Portugal*, uma série de filmes para RTP que teve como objetivo mostrar que existiam, de Norte a Sul, organizações que não fecharam, mas tinham-se reinventado.

Ainda antes destas datas, em 2013, esteve envolvido na organização de um cordão humano contra a possível instalação de um terminal de contentores na Trafaria (Almada). E, claro não podemos esquecer, todo o apoio que dá ao futebol – recentemente esteve na Alemanha a seguir os jogos da Liga das Nações que a seleção A venceu. Além de outras ligações desportivas como, por exemplo, o tempo em que jogou rãguebi no Benfica.

Perante uma vida tão preenchida, o que faz Pedro Dionísio ficar sem palavras? Talvez pouca coisa, ou então uma pergunta como esta: um dos seus livros fala em casos de sucessos. O Pedro considerava-se um caso de sucesso?

A seguir houve silêncio e a resposta: “Esta ‘mexeu’. Acho que o ser humano é multifacetado, portanto quando diz isso assim, do ponto de vista como professor, pelas causas, como marido, como cidadão, diria que há áreas onde o meu desempenho é melhor que outras. Acho que do ponto de vista pessoal, se olhar para trás, acho que me devo sentir satisfeito. Há áreas onde podia fazer mais e melhor, mas, sobretudo, quero continuar a fazer.”